



Um collaborador artistico

Cliché de M. A.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Vêr na pagina immediata

Numero avulso 60 reis

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Portugal e colonias (1 anno)	2\$400	Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$200	» (6 mezes)	1\$500
» (3 mezes)	600	Numero avulso	60

A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas

Frigideiras e Restaurante

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto

BRAGA

Estabelecimento mais antigo

e acreditado n'este genero



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

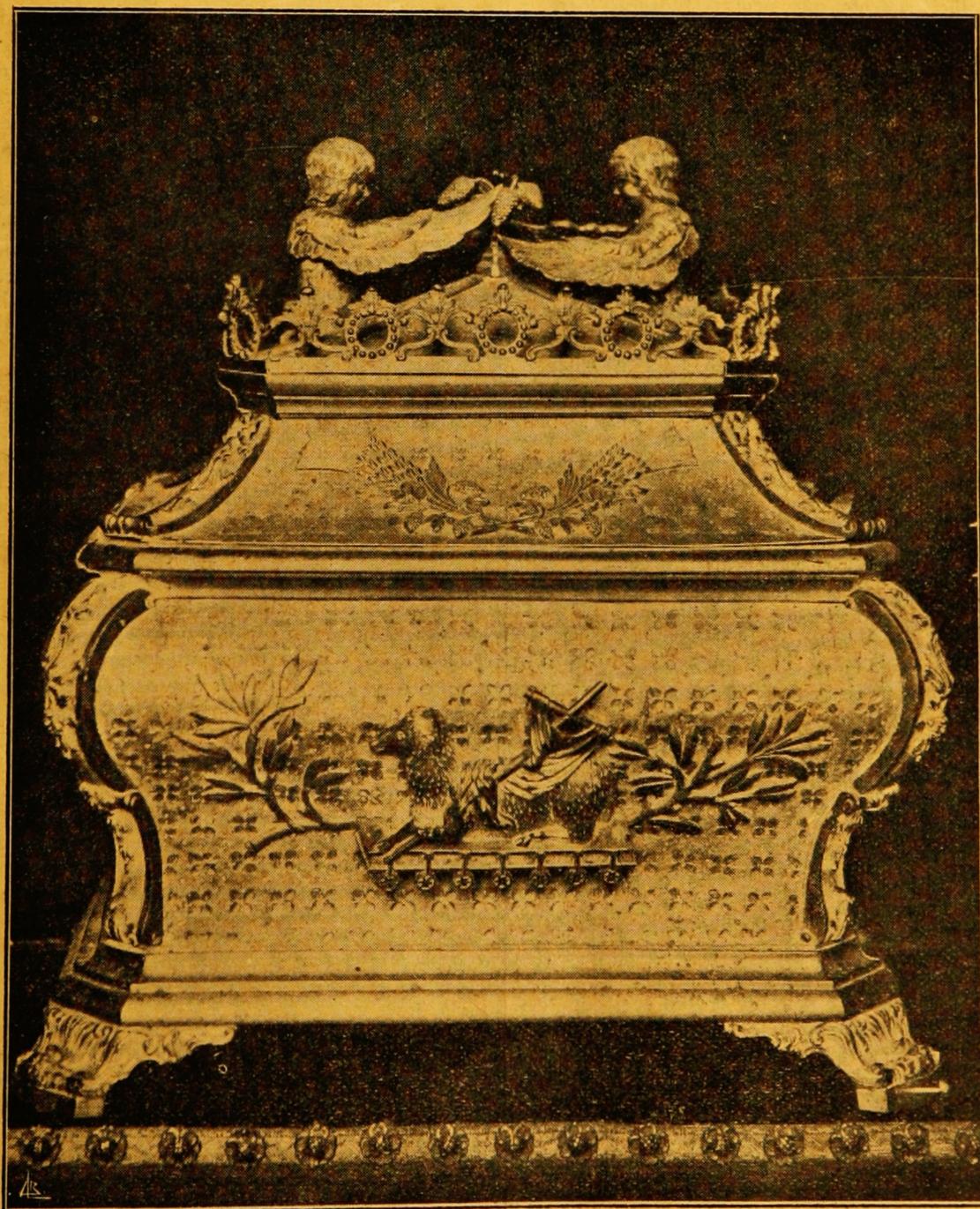
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 21 de agosto de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 112—Anno III



Arca de reliquias da Collegiada de Guimarães

Chronica da Semana



LABARÊDA! ...

A CABA de dar-se na vida portugueza um facto muito importante que eu passo de contar singelamente. A classe typographica do Porto declarou-se em greve para conquistar a regalia de 8 horas de trabalho. Um deputado socialista apresentou o projecto de lei concedendo-a, ao Congresso, e o Congresso approvou-o. Entretanto o governador civil do Porto declarou officiosamente que nem o Governo nem o Senado discutiriam o projecto se os operarios grévistas não retomassem immediatamente o trabalho. Estes recusaram-se a fazê-lo. No dia seguinte todos ficaram espantados ao vêr e saber que ao mesmo tempo que o governador civil do Porto, em nome do Governo, fazia aquella cominação peremptoria, o Senado e o governo a discutiam votando no Senado o projecto de lei dos grévistas, e sendo de todos conhecido que os syndicalistas ameaçam o governo com insurreições sanguinarias, facil foi e é de concluir que o governo recuou ante aquella ameaça approvando uma reclamação dos operarios em greve; que o poder executivo se acha coacto e sem força, deixando abandonados os interesses da ordem social, dando razão ás ameaças dos adversarios d'ella que publicamente dirigiam o movimento. Com effeito; ás comissões directoras perfenciam anarchistas matriculados e em algumas assembleias chegaram a propôr-se violencias...

Repare o leitor para o caso e a conclusão vae saltar-lhe dos labios: o estado radical é impotente para a defesa da sociedade; repare ainda o leitor que o estado radical é a democracia porque esta, como ha pouco escreveu Basilio Telles, é essencialmente radical. Sempre que o espirito democratico absorve a tradição conservadora do seu poder (monarchia ou républica) o crescimento do syndicalismo verifica-se extraordinariamente e perigosamente para as classes sociais. Exemplos: a Inglaterra, a França, a

democracia real da Italia.

É este facto explica-se. A divisa: liberdade, egualdade, fraternidade encontra no syndicalismo a maior e extrema synthese do individualismo que a inspirou,—pela eliminação da intervenção do estado, e pela divisão da sociedade em pequenos grupos governando-se autonomamente pela anarchia que este fraccionamento da sociedade representa. Por outro lado, o estado radical, vivendo da approvação das massas, não tem força nem auctoridade para coarctar as tendencias desorganizadoras que se produzem em nome da democracia, cuja essencia Le Bon muito bem definiu pelas palavras: *o medo intenso dos eleitores*. E tudo isto quer dizer que não podendo a vida de um povo, como a de um individuo, manter-se senão pelo equilibrio das forças que a

agitam, a democracia não consegue realizar esse equilibrio cuja quebra é uma doçura mortal.

O estado radical não pode lutar contra o *povo soberano*. Teme-o e procura aquietal-o satisfazendo-lhe os instinctos e as paixões, perseguindo as classes ordeiras, as minorias. *Waldeck Rousseau, escreveu um sociologo francez, viveu tres annos da lei contra as congregações; Combes viveu o mesmo espaço de tempo do encerramento das escolas religiosas e da expulsão dos frades; Rouvier, da lei da separação da Igreja e do Estado. Julgou-se acalmar a sobre-excitação popular dando-lhe a pastar os bens das egrejas.

Entre nós que temos visto? O estado republicano que no ministerio Duarte Leite mandou encerrar a Casa Syndical de Lisboa e apontar contra essa fortaleza do nosso syndicalismo as peças d'alguns regimentos, viu-se obrigado a pedir a esses elementos de desordem o auxilio que lhe fallecia para o 14 de maio, como já lh'o sollicitára para fazer a republica. Hoje transige, cêde, recua deante das suas reclamações... e deixa-nos abandonados á tyrannia dos syndicatos cujo poder ha-de ir crescendo successivamente, até esmagar os governos com as exigencias que debalde tenta aplacar cifrando a vida da republica, em cinco annos, na applicação da lei de Separação contra os catholicos porque a religião é para a democracia radical, ao mesmo tempo, uma derivante e um perigo...

Repete-se hoje em Portugal o que ha poucos annos se verificou na Inglaterra. O syndicato dos mineiros ameaçou suspender a vida industrial da Inglaterra, pondo-se em greve, se não lhe fosse concedido um salario minimo que não implicaria da parte dos mineiros um minimo de trabalho. O parlamento cedeu. Asquite recebeu perder a sua nomeada de tribuno. São de relembrar, leitor, as palavras que Balfour proferiu n'essa sessão historica dos Communs. Ellas dão claramente ao perigo a sua côr:

"É sinistro e extranho, dizia elle, o espectáculo de uma simples organização ameaçando paralyzar o commercio e as manufacturas d'uma comunidade que vive do commercio e das manufacturas. O poder que os mineiros possuem é com a presente lei, quasi illimitado. Conhecemos porventura alguem que se lhe compare? Viu-se acaso o barão feudal exercendo semelhante tyrannia?... *A attitude do governo cedendo ás injunções dos mineiros prefigura-nos a victoria d'aquelles que se levantam contra a sociedade!*."

É um aviso solemne este que a voz de Balfour transmittiu ao parlamento britanico...

A cidade moderna é hoje uma caldeira prestes a explodir. O horizonte do mundo enrubesceu, como se uma onda de sangue viesse rolando e emolando, sobre os lares. Surdamente ouvem-se marchar as legiões da *Internacional*, rouquejando o hymno soturno da anarchia. É como, um monstro negro, collante, immenso boqueirão negro das fabricas, uivando o que sahe da revolta que a fome lhe ensinou. Não pára nunca o seu caminho longo e triste. Agora mesmo, ouvem-se-lhe os gritos por entre o retroar reboante dos canhões, o soluçar das miserias humanas, a espantosa ruina do velho mundo.

É do céu cahe de novo, lentamente, a voz dulcissima de Jesus, piedosa e chorosa, como echoou na noite do Calvario...

F. V.

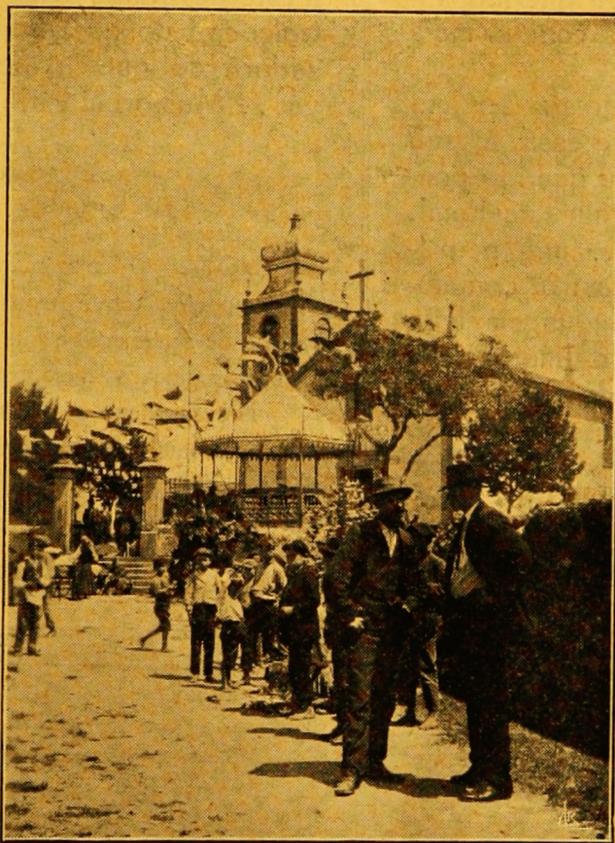
Orchideas e canligas

M

MINHA amiga: As suas flôres murcharam, a sua saudade rejuvenesceu e augmenta, perturbadora como o seu perfume, vaga como a linha adoravel da sua nuca surpreendente. Não me torne a mandar flôres. E' um crime repetir aquella clausura d'horas, dentro da caixa lacrada, que o correio baldeia indifferente... E depois para que? se quando as liberto mitigo aquella sêde, as pobres morrem pelo que soffreram, pelo que soffrem exiladas na jarra de faiança velha. E' que as suas orchideas sentindo-se extranhas, irritam, descompõe este scenario. Cá em cima, n'esta lomba fecunda, vestida de flôres e de ramarias, d'onde todas as manhãs, todas as tardes, tenho a vaidade de olhar dominador, a cidade longínqua, muito por cima das suas paixões, das suas miserias, do seu opulento, irritante, orgulho, a vê-la varrida de sol, coroada de torres, aureolada do fumo das fabricas, as suas arterias aranhadas procurando o leito fresco e cantante, dos dois rios, que a circumdam, as suas orchideas são—para que nega-lo,—irritantemente cidadinas.

Mal chegam e os cravos caseiros amuam entristecidos, as rosas simples, que me enquadram as janelas, empalidecem tristes. Para que vem? Se ellas vem sempre reaccender na minha alma, as mil recordações, os mil desejos, a farandola vaga do que fui: ... Para que vem lembrar-me, arrastar-me para fóra de mim mesmo, roubar-me a esta solidão moral, que prefiro, quero. Não, nunca mais. Deixe-me entregue á boa, simples tranquillidade d'estes montes. Já tenho cabellos brancos e a vida agora não é aturdir-se, viver, é amar a vida e encontrar-lhe o fio amavel, que a ligue ao futuro e que nos dê a razão necessaria para vivermos.

E' assim tambem, que hei-de esquecer o seu capricho, o seu orgu-



Oliveira do Douro—Egreja parochial, no dia da festa a Sant'Anna
(Cliché do snr. J. Castro)



lho... Mas se alguma coisa me apparecesse de si,—um sorriso, uma renda, uma das suas madeixas fulvas reincidia, creia... As orchideas com o seu requinte, a sua belleza procurada, tresandando luxo, civilisação, prazer, são afinal como agradável madeixa que o mundo me enviasse caprichoso, a lembrar-me, a tentar-me ainda. — A ultima morreu hontem e soffri ao vê-la acabar, extinguir-se, lenta, a tremer aquelle carnudo sensual de chaga, a esmorecer, a dilluir-se. Soffri e gozei, porque me pareceu, que com ella morreram as ultimas lembranças, as ultimas recordações... Agora nunca mais. As suas flôres são tão traiçoeiras como as suas palavras. Mas a sua alma é assim! Não pôde viver sem esse requinte, sem essas subtilidades!

É como eu gostava que ella se modificasse, que ella, se simplicasse...

Só assim não mentiria ao azul ingenuo dos seus olhos. Quer tentar? A sério? Pois bem, vou mandar-lhe, ainda hoje, uma pequena cartilha sentimental. É o livro do meu querido Vicente Arnoso, que ha dias recebi, com a mais amiga dedicatoria... Quer ler?

Para si tem já o grande defeito de ser em portuguez, de ser portuguez. E é essa a sua grande qualidade. O livro do meu querido poeta, é o mais puro relicario da ternura nacional.

É uma biblia de simplicidade, uns pequenos Lusíadas do coração, o cadastro commovido do sentimento da patria, a linguagem feita de delicadeza, d'amor, de ternura, da maior epopeia d'esta raça moribunda: o fado.

Não tem roupagens magestosas, ostentação d'imagens, *snobismos*, febre, nervos, mas tem coração. É a linguagem da vida, a vida, franca, desenredada de paixões, dos simples, dos bons, cantante como o suspirar das fontes, murmura, commovida, como a melodia wagneriana do vento!

Vicente Arnoso é um poeta inspiradissimo, mas um poeta portuguez, o que é raro, n'esta hora tragica, de tibiesas, — tudo a desorrar-se, a consumir-se, a subverter-se. Não subiu até ás subtilidades da philosophia, não morphinisou as suas imagens: desceu muito simplesmente aos corações e aos campos e por elles jornada-deando — extra-

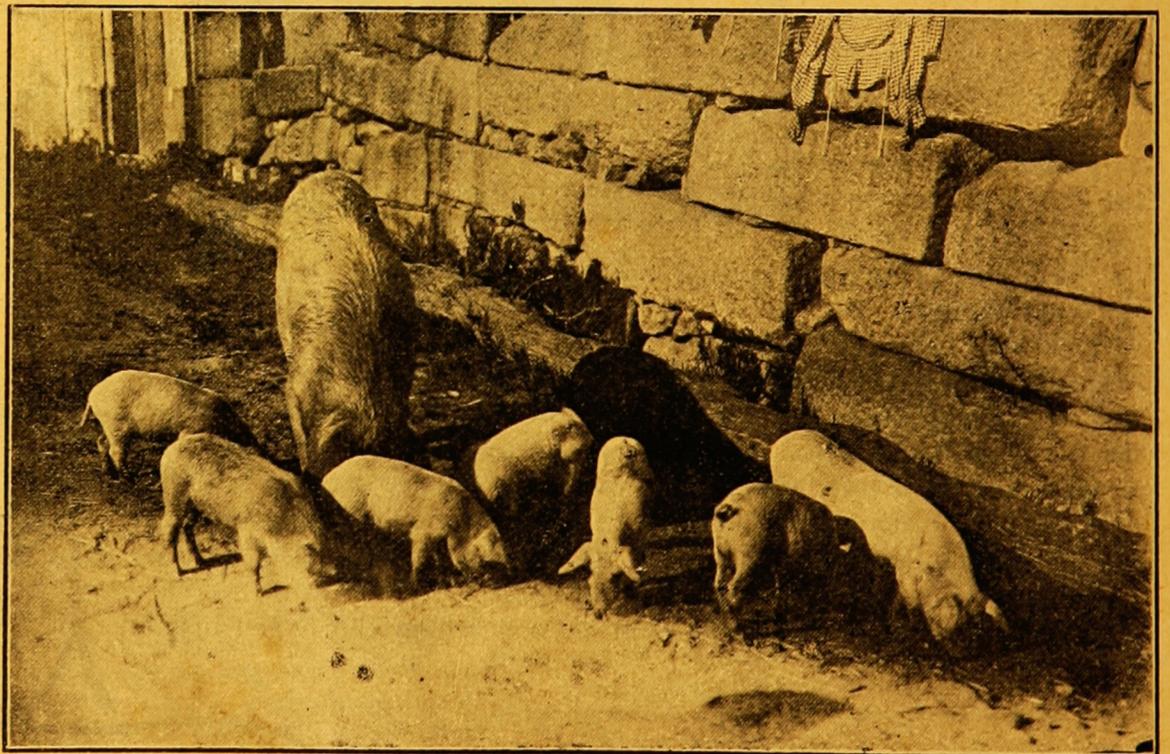
nho turista do sentimento, — colheu em cada alma uma dor, um sorriso, em cada flor um perfume, em cada paisagem um aspecto, em cada sentimento um cambiante, enramilhetou-as e ao vento entregou as suas cantigas, para que o vento as leve terra em fóra. Leia-as. Eu ando a ensina-las ás raparigas do lugar e já hontem, na minha primeira malhada, as ouvi, pela voz fresca d'uma cantadeira gentil, logo repetidas docemente pelo echo longiquo. Estão na alma do povo, estão no echo das montanhas. É a sua melhor consagração. É ao ouvi-las, pareceu-me que todas estas arvores, estas flores, esta opulenta verdura fecunda, — cachos lilazes das uvas, folhas rendadas de trepadeiras, molhos sanguineos de cravos, se enramavam, se prendiam e juntavam nos elos imensos d'uma corôa imensa, com que a natureza agradecida fôsse aureolar a cabeça do poeta.

Adeus... oxalá a sua alma mude. Do contrario, hei-de esquece-la e obstinar-me mais n'este devotado amor pela terra, que é menos traiçoeira do que as mulheres e mais compensadora do que a politica. Não se converta, vá... Mas orchideas é que nunca mais.

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

NOTA—O livro "*Cantigas que o vento as leve*," do illustre poeta Vicente Arnoso, é incontestavelmente uma maravilha de sentimento a que a critica tem dedicado as mais calorosas palavras d'elogio.

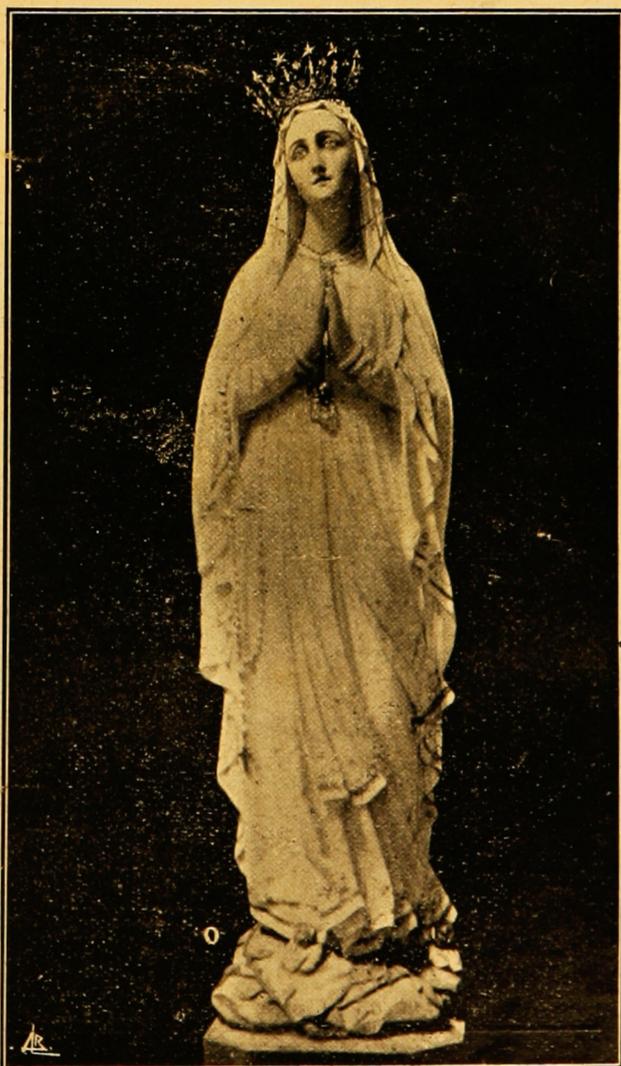
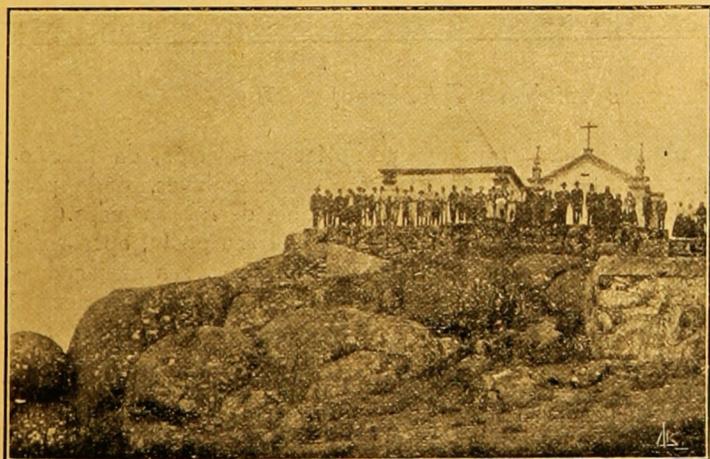
Brevemente a "*Ilustração*," publicará um excerpto. Por hoje mais uma vez agradecemos o seu envio e gentilissima dedicatoria—F. M.



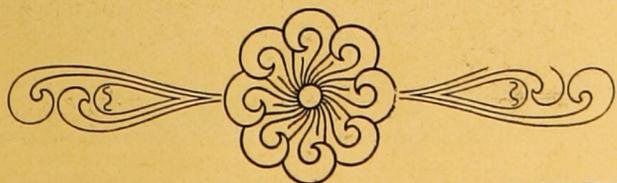
SUINOS — Uma mãe com nove filhos

(Cliché do snr. A. Chaim)

Oliveira de Frades

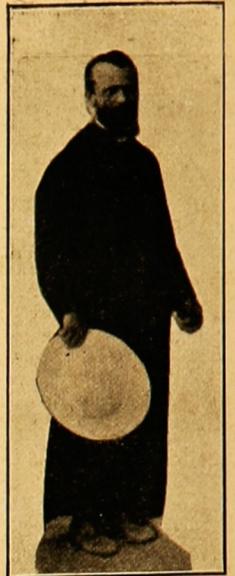


- 1—A imagem de S. Mamede,
- 2—Capella de S. Mamede vista da penedia.
- 3 A igreja onde se realiza a festa a S. Mamede e N. Senhora de Lourdes.
- 4—Aspecto do arraial entre a penedia.
- 5—Imagem de Nossa Senhora de Lourdes que se venera na capella de S. Mamede.

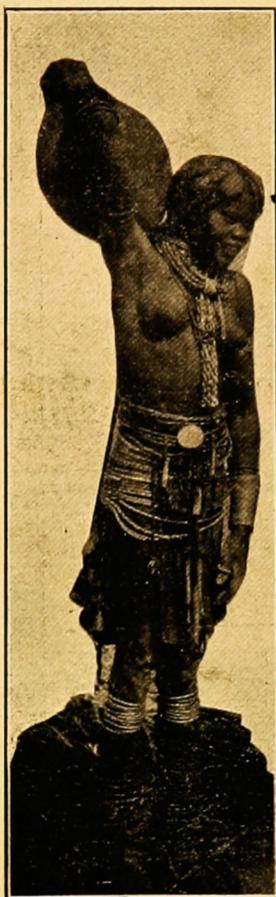




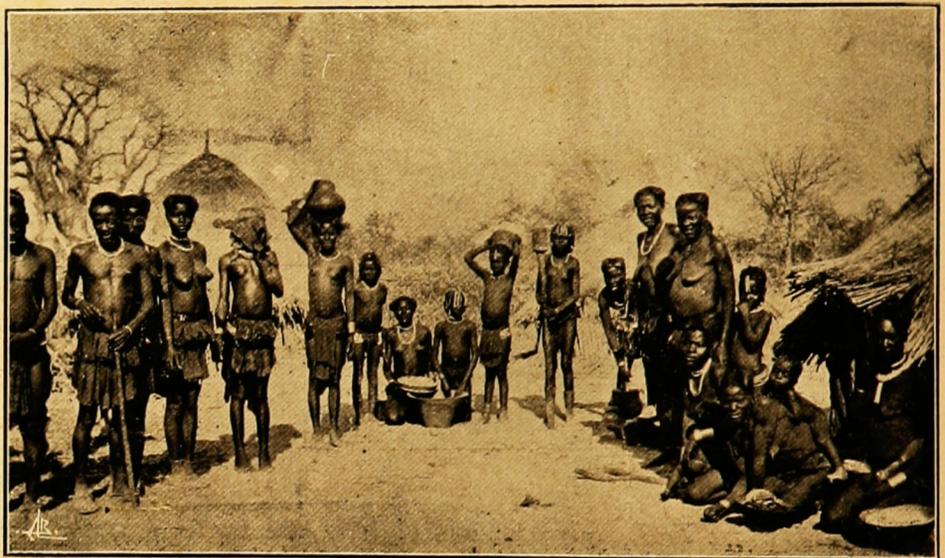
ANGOLA. A Missão do Tyipelongo—Christãos do Tyipelongo



Superior da Missão da Huila



Rapariga de Dongoena



Indigenas (rainha do Tyipelongo)

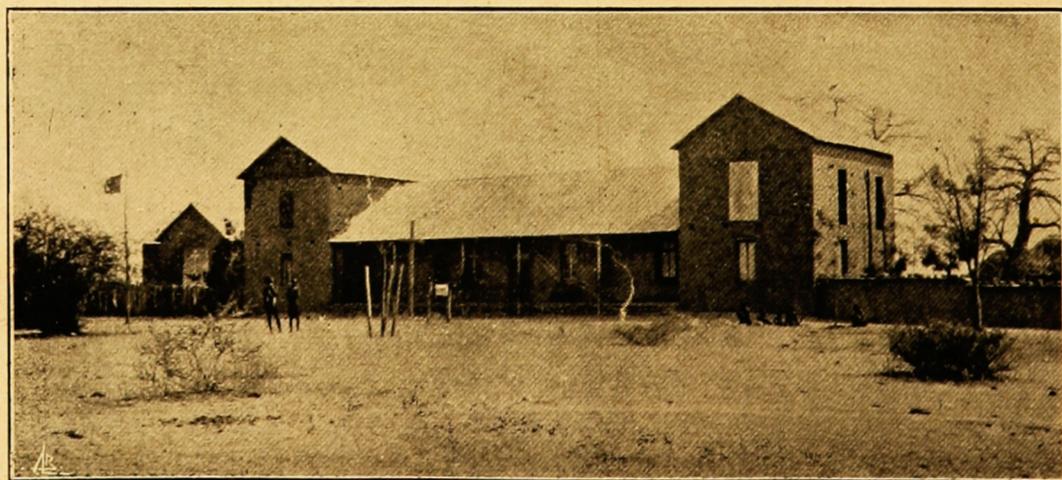
Publica hoje a «Ilustração» algumas photographias que ha tempo retemos, da Missão Catholica do Tyipelongo para o Tyayombo, na margem direita do rio Caculuvar, onde presentemente está, aproveitando o offercimento dos directores da Companhia de Mossamedes.

Depois dos acontecimentos de Naulila a Missão conservou-se no seu posto, apesar dos perigos que corria o seu pessoal. Os missionarios e os christãos foram por vezes ameaçados pelo gentio revoltado que entendeu tomar grande força moral e se imaginou senhor das regiões revoltadas depois d'aquelles acontecimentos, mas teve que retirar devido ás duas calamidades que a teem atormentado—a guerra e a séca.

Esta retirada apressou-se por causa d'uns roubos de mantimentos feitos por alguns Bankumbis nas casas da aldela e de algumas ameaças. O 1.º tenente Cerqueira, commandante da força estacionada no Chicussi, deu-se pressa em auxiliar a retirada da Missão. Os revoltosos foram completamente desbaratados, e deixaram muitos mortos nas casas que occupavam e arredores.

A falta d'agua obrigou as nossas forças a retirar logo.

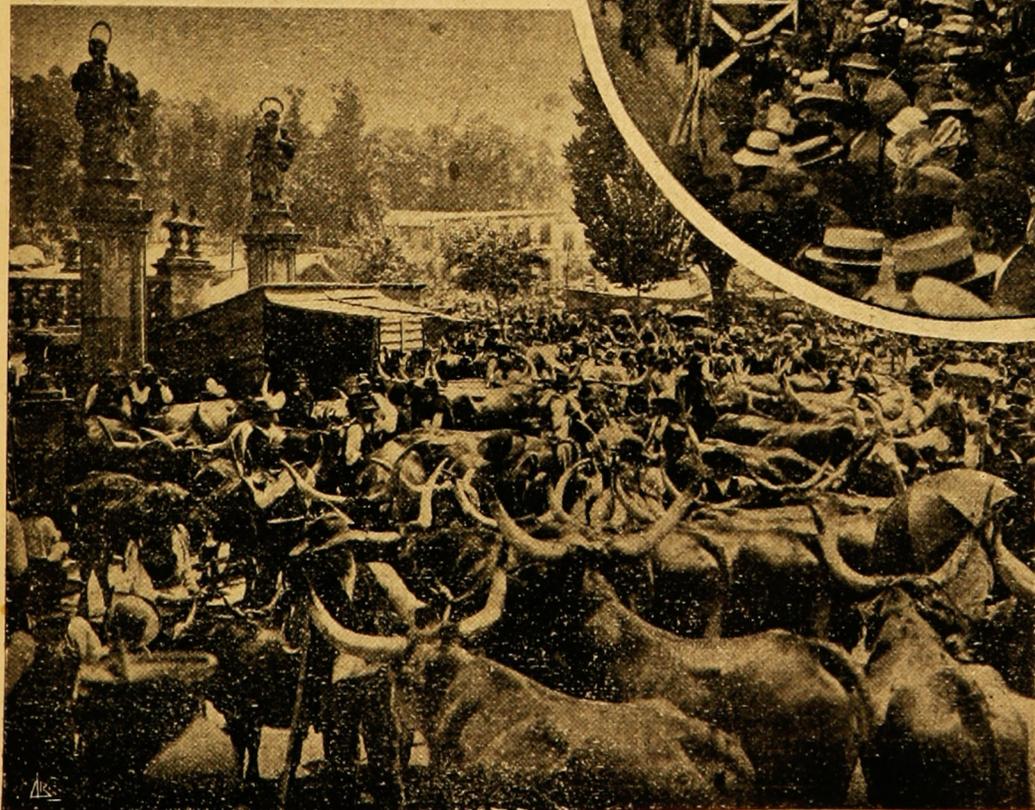
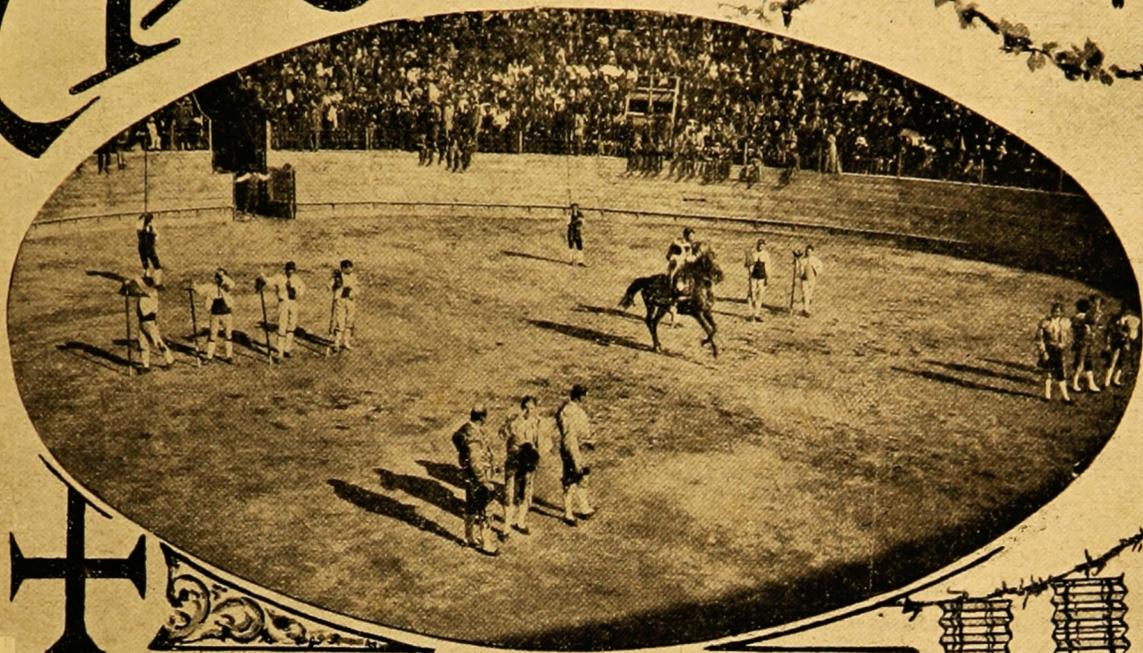
Desde as primeiras horas do perigo alli esteve o velho e dedicado superior das missões da Huila, o padre Bonnefoux, que ha trinta annos vem prestando os mais relevantes serviços no apostolado missionario de Angola.



Construcções da Missão do Tyipelongo



AS GUALTERIANAS



- 1 — Tourada, Apresentação.
- 2 — Um aspecto das festas da cidade.
- 5 — A assistencia na tourada.
- 4 — A grande feira de gado bovino.

(Clichês do padre José C. Simões d'Almeida)

Melgaço--Visita pastoral de S. Ex.^a Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz

O Sr. Arcebispo de Braga veio a estas thermas no dia 26 de julho, e os hospedes do Hotel Ranhada, na sua maioria, receberam o illustre principe da igreja com as homenagens devidas não só ao alto cargo que exerce como, tambem, ás virtudes excelsas que possui.

Vieram muitas pessoas de longe e a estrada que passa em frente aos hoteis regorgitou, então com estrugidora animação.

Senhoras distribuiram, não só em nome dos hospedes d'aquelle hotel, como de outros, que para tal concorreram, um variado bodo a grande numero de pobres da localidade.

Uma banda de musica fez-se ouvir.

Chegado o Sr. D. Manuel Vieira de Mattos logo se dirigiu á capella do Hotel

Primeira fila—(de trás para diante, da esquerda para a direita) Dr. Agostinho de Almeida Rego, Artur Mariani, Gaspar Queiroz Ribeiro e Anselmo Antonio Gomes.

Segunda fila—Dr. João Augusto Mimoso Rôlo e o abb-de de Cerdal. A seguir mais adiante, na mesma fila, dr. Abilio da Silva Carvalho, Antonio Joaquim Ribeiro, Manuel Freire de Oliveira, barão Machado e Silva e o proprietario do hotel sr. Antonio Maria Guerreiro Ranhada.

Terceira fila—assentados: Camillo Ramos, adiante, commendadores Gonçalves de Sá e Pimenta da Fonseca e o sr. Arthur José de Sousa.

No chão: Sotfo-Mayor, Arnaldo Oliveira, José Malheiros, Delfim Ferreira e Dofrial Costa Braga.



Capella do Hotel Ranhada onde foi exposto o SS. Lausperenne



Grupo de cavalheiros e senhoras que no Pêso homenagearam o Senhor Arcebispo



Senhoras que distribuíram o bôdo aos pobres e cantaram durante a missa

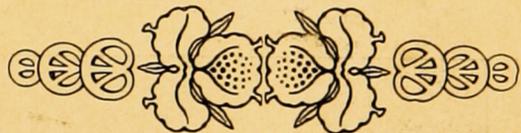
Ranhada para alli consagrar e reservar o SS. Sacramento. No côro, as mesmas senhoras — cujo nome publicamos n'outro logar — fizeram ouvir-se em côros cuidadosamente ensaiados. O beija-mão foi concurridissimo.

Findo este, n'uma dependencia do hotel, o sr. dr. Queiroz Ribeiro, com a facilidade da palavra que lhe é timbre, pôz em destaque as qualidades moraes e mentaes do Sr. Arcebispo, que agradeceu commovidissimo.

A' noitinha S. Ex.^a Rev.^{ma}, acompanhado de amigos e de grande numero de clero, de Monsão e Melgaço, retirou.

A's 8 horas o sr. dr. Queiroz Ribeiro, em mesa áparte, no Hotel Ranhada, reuniu alguns amigos dando-lhes um jantar confeccionado sob os cuidados do hoteleiro sr. Guerreiro Ranhada, servido com vinhos finissimos da lavra do offerante. Houve brindes.

Da esquerda para a direita; D. Herminia Mariani; D. Gloria Ramos; D. Laurinda Carvalho; D. Maria Luiza Carvalho; D. Emilia Queiroz Ribeiro; D. Silvia Gomes; D. Adelina Cardoso. Sentada; D. Anna Ramalheté.

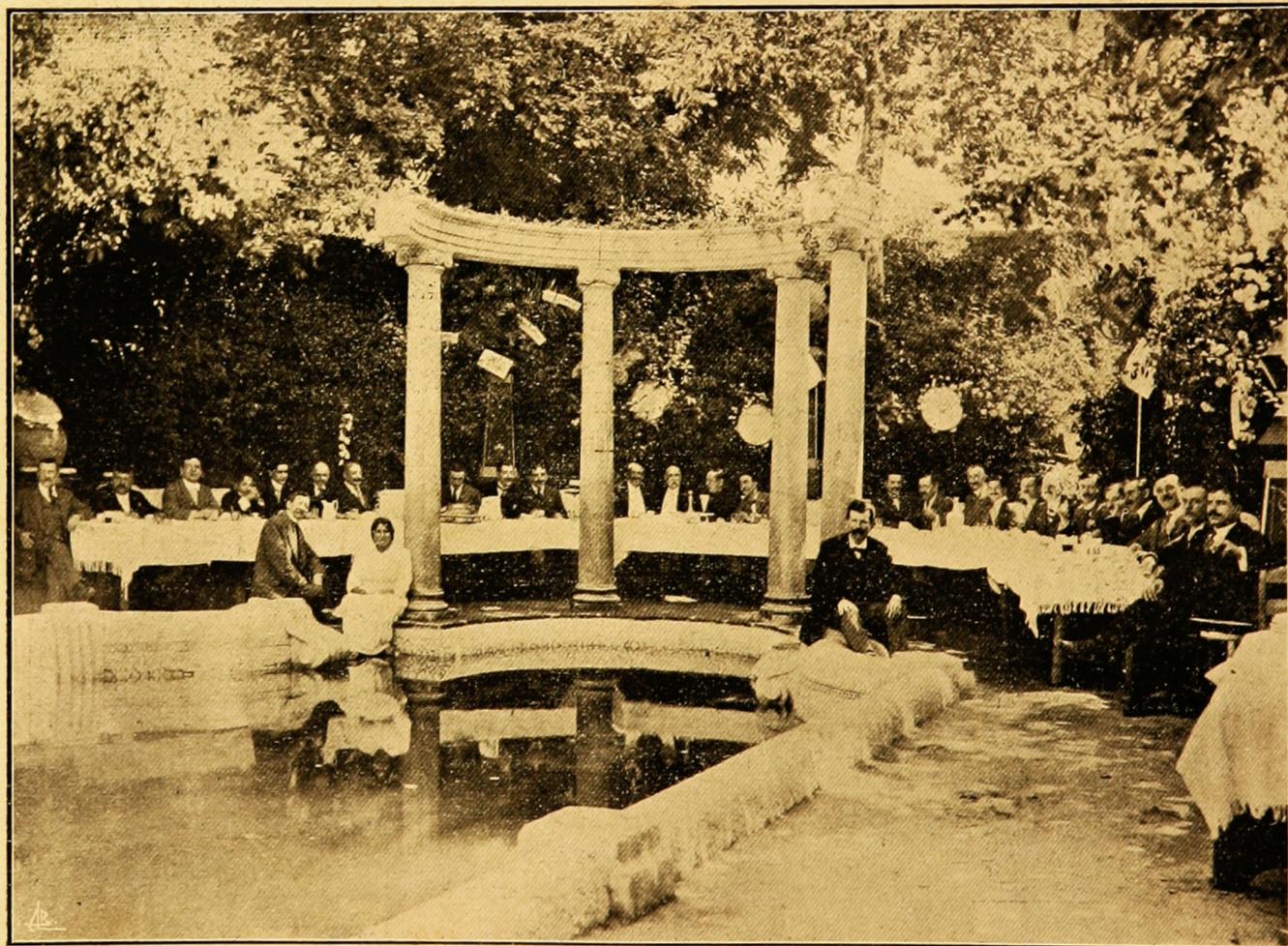


Chegada do Senhor Arcebispo Primaz à Estância do Pêso

Excursão de recreio a Braga do pessoal da redacção e administração do
“Jornal de Noticias,,



Um grupo de jornalistas do Porto no Bom Jesus



Aspecto do almoço em S. João da Ponte



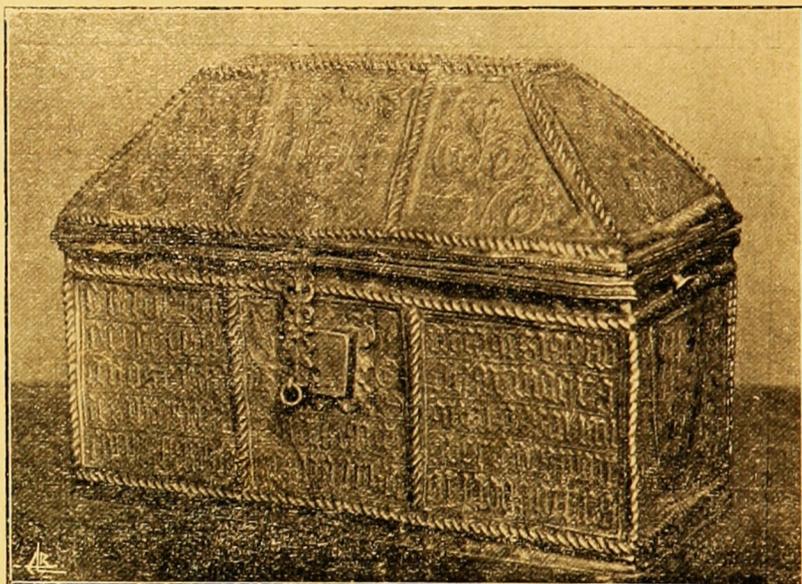
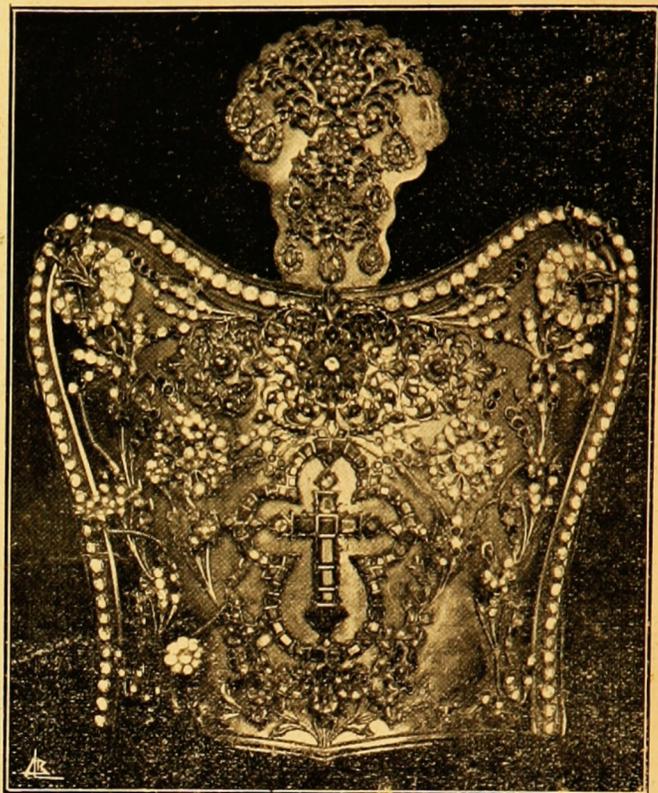
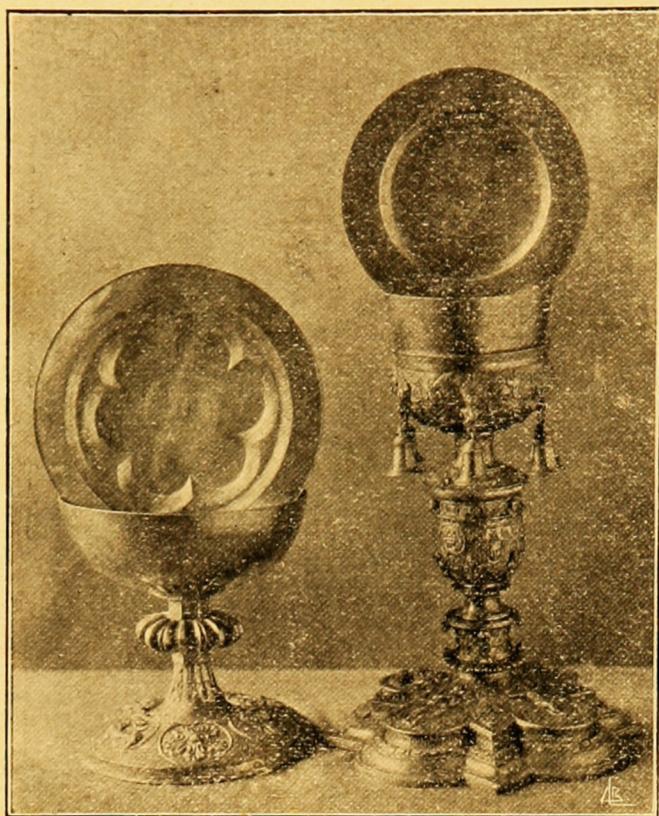
Grupo de jornalistas junto ao largo das tres capellas



Os excursionistas no fontenario das lagrimas



O Thesouro da Collegiada de Guimarães



1.^a — Precioso calix de prata dourada, estylo romanico (seculo XII).

Este calix foi offerecido por D. Sancho e pela rainha D. Dulce a Santa Marinha da Costa e entregue em 1834 pelos frades Jeronymos á irmandade das Almas.

Actualmente está depositado no museu da Collegiada.

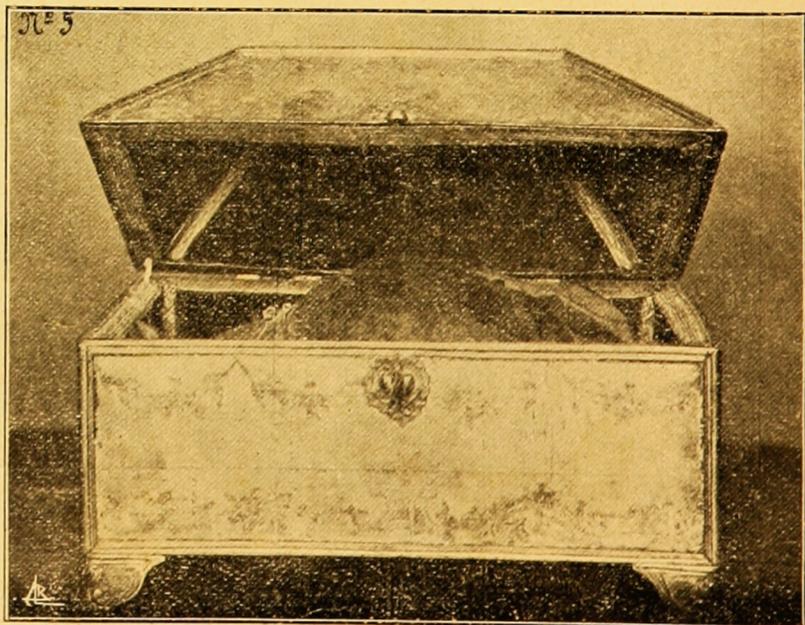
2.^a — Couraça de Nossa Senhora da Oliveira, ornamentada de pedras preciosas

3.^a — Arca de reliquias com arabescos gothicos

4.^a — Cofre de reliquias de prata dourada com ornamentos gothicos (seculo XV)

Este cofre encerra numerosas reliquias encontradas em 1419 pelo prior Luiz Vasques, dentro d'uma caixa que estava no altar-mór.

5.^a — Cofre de prata que encerra o craneo de S. Rodrigo e no qual está gravado: ANNO 1787



TREZ SONETOS

(Para a minha amiga Elvira das Neves Pereira)

Julgas-me agora alegre como um Rei
A cujo throno não chegasse a Dôr,
E então, perguntas porque dou valôr
A' Vida e porque assim me transformei . . .

Porque era d'antes triste . . . Nem eu sei!
Sabe-se acaso porque é triste a flôr,
Se o sol lhe falta, ardente e creadôr,
Ou porque é triste o mar, que não tem lei?!

Foi milagre, talvez do Bom Jesus,
Quando a Fada gentil dos arvorêdos
Me confiou, baixinho, mil segrêdos . . .

Mas não! E' este sol que esplende e brilha,
Enchendo a terra de doirada luz,
Quem opera fão grande maravilha.

Houve tempo em que a alma não sabia
(Tão innocente pelo mundo andava)
Que a Ventura, de perto, lhe sorria,
Na luz d'um negro olhar que a deslumbrava.

Se me embalava extranha melodia
E algum sonho divino me encantava
Sentia sem saber o que sentia,
Sonhava sem saber o que sonhava! . . .

Passaram annos, e sou outra agora
Que sabendo, sentir, sei a razão
Do sonho que me encanta e me enamora . . .

Todavia, nem sempre o coração
Deixa de ser creança quando a aurora
Transforma em rosa o tímido botão!

A alegria é um claro sol divino
Que as almas illumina; e eu compre'hendi
(Vibra em minha alma a voz de argenteo sino . . .)
O quanto por ser triste já perdi.

Póde-se reagir contra o Destino
Que nos persegue? Sim! Eu reagi!
E agora, com sorriso peregrino,
Entre a Saudade, a Esp'rança me sorri!

Toda a alegria é transitoria e vã:
A gente pode rir no dia d'hoje,
Para chorar no dia de amanhã!

Mas enquanto que o Sonho não me foge,
E enquanto a Mocidade não findar,
Deixa-me rir e deixa-me cantar!

Braga, agosto de 1915.

ALICE GARÇÃO.



*D. Epaminondas Nunes d'Avila e Silva
venerando Bispo de Taubaté (S. Paulo)*

O que pôde um Bispo modelo

A "Ilustração Catholica," publica ho'e duas photographias do Seminario e Collegio de Taubaté, do Estado de S. Paulo (Brazil). Uma representa o edificio do Collegio de Diocesano, ao lado do magestoso templo, e a outra representa a gruta de N. Senhora de Lourdes, situada na extremidade d'uma extensa e bella avenida, que separa o recreio dos seminaristas menores dos collegiaes menores.

Do lado direito do templo, como a photographia indica, está-se construindo um predio inteiramente igual, na parte externa, ao collegio, e que será destinada aos seminaristas, maiores e menores, para o que ha as necessarias divisões.

A inauguração do templo coincidiu com a primeira missa cantada do rev. Custodio Bernardes da Silva, 1.º seminarista, que concluiu os seus estudos n'este Seminario.

Dentro do Seminario e Collegio ha grandes recreios, lindo jardim com coreto para musica, horta e chácara com pomar e agua potavel em abundancia.

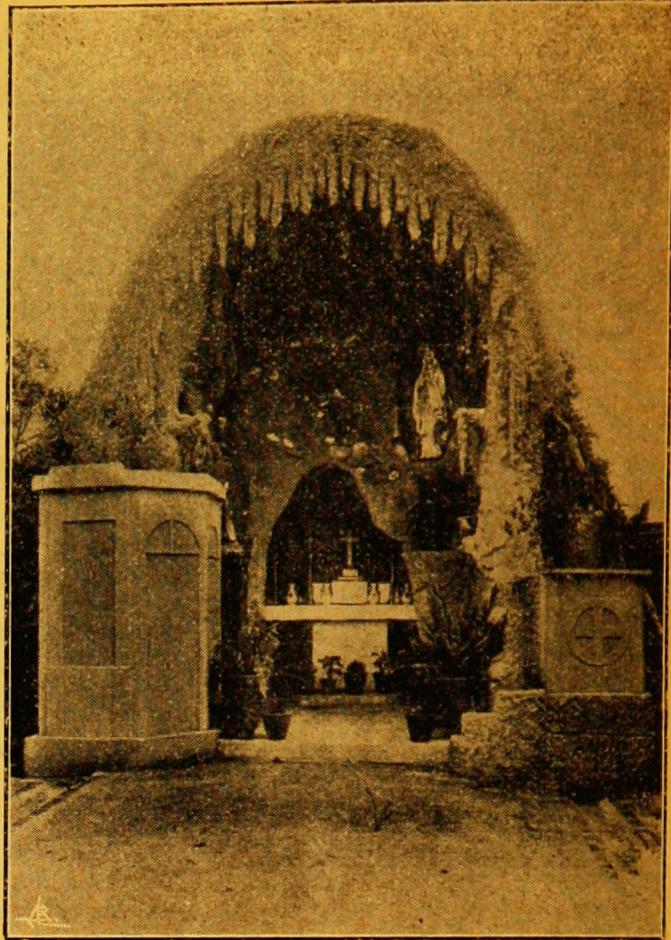
Contando sómente cinco annos, o numero d'alunos, no presente anno, elevou-se a 105.

Toda esta obra se deve ao esforço e zelo apostolico do Ex.º e Rev.º Senhor D. Epaminondas Nunes d'Avila e Silva, 1.º Bispo d'esta progressiva diocese. Uma das figuras mais eminentes do clero fluminense, Mons. Pio dos Santos, depois de percorrer o Seminario, escreveu no livro dos visitantes: "Verdadeiramente deslumbrado com o que acabo de vêr, aqui deixo o meu parabem á prospera diocese de Taubaté."

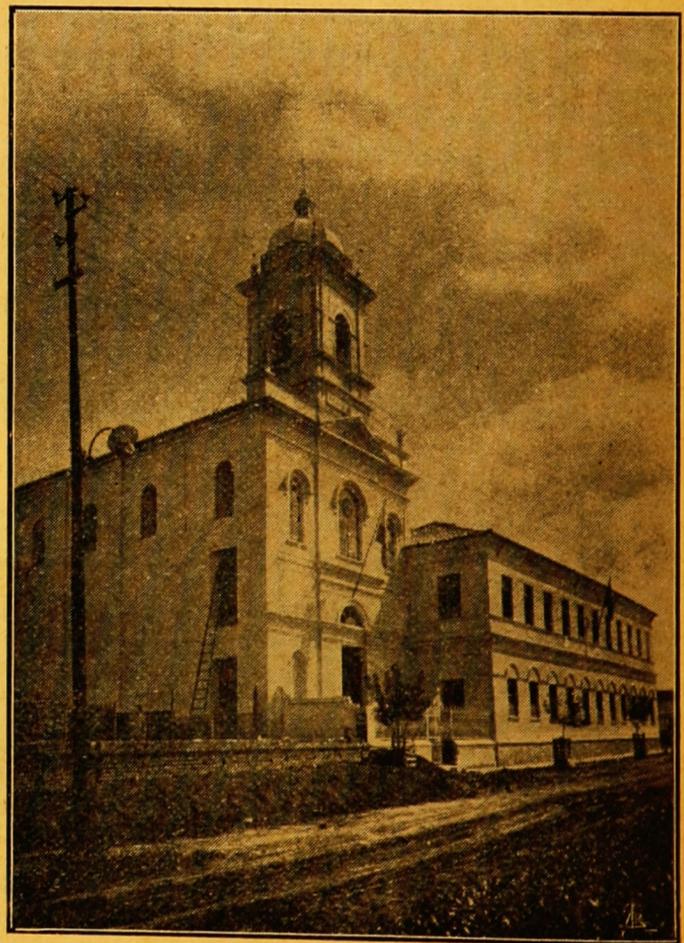
Ha motivos para esperar que o Seminario e Collegio de Taubaté, em poucos annos, seja um dos melhores e mais promettedores de todo o Brazil.

Por esse motivo, a *Ilustração Catholica* sauda effusivamente o venerando Antistite, a Quem Deus encarregou a fundação da diocese de Taubaté.

J. M.



*Seminario e Collegio de Taubaté (S. Paulo)
Gruta de N. Senhora de Lourdes, ao
fundo do recreio*



*Collegio diocesano de Taubaté (S. Paulo)
Ao lado vê-se o magestoso templo inaugurado
no dia 18 de junho de 1914*

Roma e os carbonarios

III



Dio IX tenta dominar a acção perturbadora dos carbonarios.—Viva Dio IX só!—Tentativa de assassinato do coronel Freddi.—

“Os reaccionarios querem matar o Papa!,”

NO dia 8 de novembro de 1846 tomou Pio IX solemnemente posse da purpura romana em S. João de Laetrão. Na vespera publicou um decreto creando quatro linhas ferreas, que trariam aos Estados grandes prosperidades. Esperava, assim, enfrear as sociedades secretas, limitar as aspirações insofridas dos patriotas exaltados que tudo pretendiam subverter, e aquietar as compactas massas populares que lhe reclamavam reformas. Mas que importavam aos carbonarios as prosperidades do commercio e as necessidades da industria? Ao bem do povo que diziam defender antepunham as conveniencias pessoaes que só o triumpho dos seus ideais politicos podia satisfazer. Por isso desvirtuariam os mais santos propositos, as iniciativas mais generosas e uteis desde que ellas não tendessem á proclamação da republica.

O plano dos carbonarios consistia em impellir o Papa para as reformas politicas e accusar os cardeaes de embaraçarem os movimentos do Pontifice. Convinha, pois, defender Pio IX dos cardeaes!

O decreto das linhas ferreas não foi agradecido, no caminho para S. João de Laetrão, a populaça crivou de doestos os cardeaes e saudou o Papa com este grito unisono:—Viva Pio IX só!

As turbas não festejavam o pastor senão para o obrigarem a abandonar o rebanho.

Pio IX, crendo apasiguar os agitadores, nomeou o cardeal Gizzi, secretario de Estado, aboliu alguns tribunaes, facilitou o acesso aos empregos publicos. Quanto mais elle cedia mais os carbonarios exigiam. Não era só em Roma que o dedo das sociedades secretas guiava as massas populares, nas mais cidades dos Estados romanos, mormente em Ferrara e Bolonha, a intriga e a propaganda de desprestigio contra o governo era profunda, intensa e alluidora. Um dia correu o boato de que os *reaccionarios* preparavam o morticínio do Papa e de quinze mil patriotas! Os carbonarios gritaram queurgia armar o povo para que os *reaccionarios* não ousassem essas novas vesperras sicilianas, e o clamor em Ferrara subiu tão alto que Pio IX cedeu mais uma vez aos car-

bonarios, decretando a formação n'aquella cidade da guarda civica. Exultaram os agitadores e logo pediram a demissão dos commandantes da policia e do exercito.

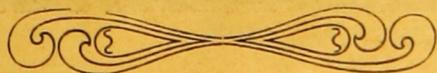
As sociedades secretas appellavam para o punhal quando não venciam pela ameaça, e alguns assassinatos se commetteram nas ruas da cidade eterna. Pois esses assassinatos eram attribuidos ás auctoridades, aos *reaccionarios*, para desacreditar o governo na consciencia popular, tão profundamente perturbada por tantos e extraordinarios acontecimentos. Os boatos terroristas recrudesçiam. Dizia-se que os *reaccionarios*, pagos pela Austria, pretendiam fugir com o Papa, que o rei de Napoles planeava apoderar-se de Roma e degolar os carbonarios—os unicos defensores de Pio IX e verdadeiros amigos do povo!

O proposito dos carbonarios era anarchisar as tropas regulares para que a força passasse ás mãos dos milicianos e assim dominarem inteiramente. A tentativa de assassinato do coronel Freddi denunciou esta politica.

Os carbonarios decretaram a morte do coronel Freddi e sortearam o assassino. Este segue passo a passo a sua victima, espregueita todos os movimentos, calcula a hora e o local em que deve proceder. Circumstancias tão estranhas como imprevistas o impedem de tres vezes de realizar o crime. Espantado d'estes obstaculos, que julga providenciaes, vacilla e não se atreve a proseguir. Mas, segundo as instrucções do tribunal invisivel, pagará com a vida a violação do juramento, e era chegada a hora em que dará conta da sua commissão ou o matam. Procura um sacerdote e revela-lhe o segredo. O padre apresenta-se ao coronel e informa-o do perigo que o ameaça; Freddi dá algumas moedas de ouro ao conspirador e facilita-lhe a fuga. Espalhada em Roma a noticia da tentativa de assassinato, os radicaes exploram-na em seu proveito. Publicam que se organisára uma conspiração contra Pio IX de que era cabecilha o coronel Freddi, ajudado do cardeal Lambruschini, que um patriota armado d'um punhal fôra encarregado de a fazer fracassar, conseguindo apesar de não ferir Freddi salvar o Papa!

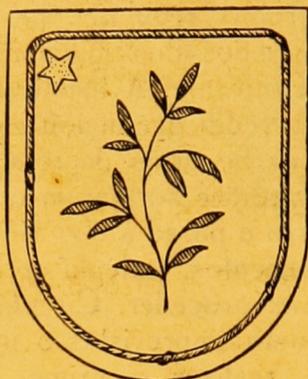
Estas calumnias, estas mentiras, são geralmente acreditadas. A desconfiança contra a policia e o odio á auctoridade são cada vez maiores, chega-se á affirmação de que a vida do Summo Pontifice está em risco no meio dos seus cardeaes, e que só armando o povo se salvará o Papa. A revolução ganhou terreno, e Pio IX publicou o decreto de 5 de julho de 1847, pelo qual Roma e as mais cidades dos Estados pontificios terao a sua guarda nacional.

Era o triumpho dos carbonarios.

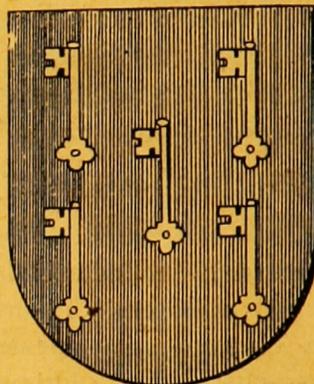


ARMARIA PORTUGUEZA

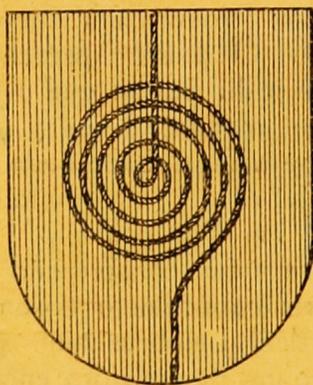
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



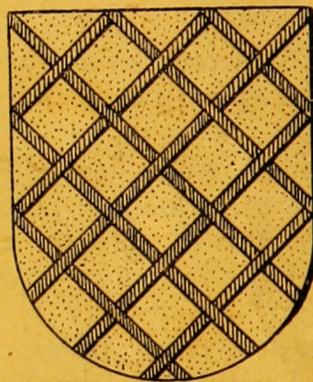
Coimbras. — Em campo de prata um ramo verde com uma estrella d'ouro em chefe, da parte direita. Cercadura; uma corda d'ouro,



Cogominho. — Cinco chaves meuriscas de prata, assentes em aspa sobre campo vermelho. Timbre: duas chaves em aspa, atadas com torçal vermelho.



Cordas. — Em vermelho uma corda d'ouro enroscada em fórmula de roda.



Correias. — Em campo d'ouro, correias entrelaçadas umas nas outras, de vermelho. Timbre: dois braços armados em aspa, presos com uma; fivêla vermelha.



Rebello Jr